

O FRANCO PALADINO

(Proclamação dirigida à Comunidade Espirita)

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO

CODIFICADO PELO MESTRE ALLAN KARDEC

Distribuição gratuita = Tiragem: 200 exemplares

NITERÓI/RJ = ANO III = Nº 30 = DEZEMBRO DE 2005

ASSIM FALOU ALLAN KARDEC

(Sobre a personalidade de Jesus)

“Jesus foi um Espírito superior da ordem mais elevada, colocado por suas virtudes bem acima da humanidade terrestre. Sua missão, pelos inúmeros resultados que produziu, foi daquelas que somente são confiadas aos mensageiros diretos da Divindade. Jesus não foi o próprio Deus, foi um enviado de Deus; foi um Messias divino.

“Como homem – Espírito encarnado – Jesus tinha a organização dos seres carnis; mas, como Espírito puro, destacado da matéria, devia viver na vida espiritual, mais que na vida corporal. **A superioridade de Jesus sobre os homens não era relativa às qualidades particulares de seu corpo, mas às de seu Espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta e também ao seu perispírito, alimentado que era pela parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres.** Sim, porque os Espíritos superiores podem vir aos mundos inferiores e mesmo aí se encarnar, para desempenhar uma divina missão. A alma (Espírito encarnado) de Jesus estava ligada ao corpo por laços estritamente indispensáveis. Constantemente separada do corpo, ela lhe dava uma **vista dupla** não só permanente como também de penetração excepcional e muito superior à dos homens comuns.

“De todas as faculdades que se revelaram em Jesus nenhuma estava fora das condições da humanidade e podia ser encontrada também no comum dos homens, pois estão na natureza. Mas, pela superioridade de sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, elas atingiam em Jesus proporções acima das do vulgo. São as qualidades que caracterizam o estado dos espíritos puros. Aquilo que Jesus fazia era demasiado simples e não se afastava das leis da natureza.

“Quando Jesus, depois de sua morte, apareceu aos discípulos, estes, ao vê-lo, sentiram logo que não se tratava mais do homem. É que Jesus se mostrava com seu corpo perispiritual, e isto explica o fato de só ter sido visto por aqueles a quem desejava mostrar-se.

“Jesus teve, pois, como todos, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é confirmado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que assinalaram sua vida.

“A permanência de Jesus sobre a terra apresenta dois períodos: aquele que precede e aquele que sucede à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção (fruto da união carnal) até o nascimento, tudo se passa com sua mãe, como nas condições normais da vida. Portanto Maria, casada com José, teve relações sexuais com ele e engravidou dele. Após nove meses de gravidez, nasceu Jesus, fruto sagrado dessa união carnal. A partir do nascimento, e até sua morte,

tudo, em seus atos, em sua linguagem e nas diversas circunstâncias de sua vida, tudo apresenta os caracteres inequívocos da sua corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica que se produzem nele são acidentais e nada têm de anormal, pois se explicam pelas propriedades do perispírito e são encontrados também, em diferentes graus, em outros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo revela nele o ser fluídico, isto é, o Espírito. A diferença entre estes dois estados é tão fundamentalmente traçada que não é possível encontrar semelhanças.

“Depois do suplicio, o corpo de Jesus lá ficou, inerte e sem vida; foi sepultado como o são todos os corpos comuns, e todos puderam vê-lo e nele tocar. Depois de sua ressurreição, quando ele quis deixar a Terra, Jesus não morreu de novo; seu corpo se elevou, se desvaneceu e desapareceu sem deixar qualquer sinal ou vestígio. Isto prova, evidentemente, que esse corpo era de outra natureza diferente daquele que morreu na cruz. Forçoso, pois, é concluir que, se Jesus pôde morrer, é porque tinha um corpo carnal. E, se Jesus, antes de dar o último suspiro, sofreu materialmente, chegando mesmo a apelar para Deus que aliviasse o seu sofrimento, o que não se pode duvidar, é porque ele tinha um corpo material, um corpo de carne e osso, de natureza igual a de todos nós, criaturas humanas (homens e mulheres).

“Aos fatos materiais se juntam considerações morais muito fortes.

“Se, durante sua vida, Jesus tivesse estado nas condições dos seres fluídicos, não teria experimentado nem a dor, nem nenhuma das necessidades do corpo; supor que assim era, ou seja, supor que Jesus era um corpo fluídico, um agênere, é o mesmo que se retirar dele todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que, antes de reencarnar, havia escolhido, como exemplo de resignação. Se tudo nele era só aparência, todos os atos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua oração a Deus, suplicando que afastasse o cálice de seus lábios, sua paixão, sua agonia... tudo enfim, até seu último grito no momento de entregar seu Espírito, não teria sido senão um vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer no sacrifício ilusório de sua vida. Isto seria uma comédia indigna de um homem honesto e simples, quanto mais, e, por mais forte razão, de um ser superior como o dele, Jesus. Numa palavra, seria o mesmo que abusar da boa fé dos seus contemporâneos e da posteridade (gerações futuras).

Tais são as conseqüências lógicas desse sistema (o docetismo), conseqüências inadmissíveis, pois resultariam em diminuí-lo moralmente, ao invés de o elevarem.

(Continua na página 3)

UM DIA E UM LUGAR PARA JESUS

João Roberto do Nascimento

“25 DE DEZEMBRO ? Não sabemos, e é quase certo que nunca saberemos com exatidão o dia em que Jesus nasceu; mas o que com toda certeza sabemos é que não foi no dia 25 de Dezembro.

“Já no séc. IV decidiu-se que o nascimento de Jesus fosse comemorado no dia 25 de dezembro. São João Crisóstomo (autor das famosas Homilias) que vivia por essa época, explica-nos o motivo: - Recentemente decidiu-se que o dia do nascimento do Cristo se fixaria na data do nascimento do deus Mitra, o ‘Sol invicto’, a fim de que os cristãos possam cumprir em paz seus santos ritos, enquanto os pagãos estiverem ocupados nos jogos do circo romano’. Até o início do séc. IV não se comemorava o nascimento de Jesus, e os poucos que o faziam, a exemplo de algumas igrejas cristãs da Grécia, comemoravam no dia 6 de janeiro.

“Foi somente no ano 525 (no séc. VI portanto) da era cristã que o monge Dionísio Exíguas, a pedido do papa João I, estabeleceu de fato o 25 de Dezembro para se comemorar o nascimento de Jesus. Esse era o dia em que se comemorava o nascimento do deus persa Mitra, o deus Solar; um, entre os muitos deuses adorados pelos pagãos, e que, curiosamente, nascera de uma virgem (?) e em uma gruta (?).

“O 25 de dezembro era um dia muito festivo em Roma, dia em que as pessoas se confraternizavam, trocavam presentes, e tinham também o hábito de enfeitar os galhos verdes cortados e neles colocarem pequenas luzes; era uma das festas mais populares em Roma.

“A Igreja Romana, de forma sorrateira se apropriou de uma data muito popular em Roma para fixar o nascimento de Jesus no mesmo dia. Além da comemoração do deus Mitra, no dia 25 de Dezembro, também se comemorava nesse dia o nascimento do Imperador Constantino que, na minha opinião, foi de fato, o primeiro Papa da Igreja Romana, já que foi ele (ou sob sua autoridade) quem estabeleceu os fundamentos da Igreja Católica em 325, durante o Concílio de Nicéia.

“O culto ao deus Mitra foi importado da Pérsia pelos soldados romanos, quando lá estiveram durante as guerras de conquistas. Mas estava fadado a desaparecer com o crescente desprestígio do Politeísmo, enquanto que o culto à figura de Jesus ganhava destaque entre os novos adeptos, os pagãos convertidos ao Cristianismo., os quais conservaram nos mesmos moldes orientais os ritos e as festas que faziam em devoção ao deus Mitra. Só que não era mais o deus persa o festejado e sim a figura de Jesus.

“Assim como aconteceu em relação à data do nascimento de Jesus, outros fatos e elementos foram também copiados dos cultos pagãos. Assim, Maria, mãe de Jesus, durante o Concílio de Éfeso, cidade onde uma virgem - Diana, a caçadora – era idolatrada, passou a ser também adorada como a Virgem Maria.

“Concluindo, podemos dizer, com toda a certeza, que o cristianismo foi romanizado, foi paganizado”.

“Quanto ao lugar em que Jesus nasceu, temos que reconhecer que a história comovente que situa o nascimento de Jesus em Belém, numa manjedoura,

rodeado de animais, visitado por Reis Magos e Anjos para o saudar é de uma beleza sublime, mas que, na verdade, não resiste à mais leve análise.

“Os únicos Evangelistas que situam Jesus nascendo em Belém, são Mateus e Lucas. Mas, na verdade, somente o primeiro, Mateus, foi apóstolo de Jesus. E os argumentos que apresentam são muito contraditórios.

“Podemos encarar as passagens dos Evangelhos citados como um processo de superposição. Tenta-se situar Jesus dentro das profecias do Antigo Testamento, que dizia que o Messias teria de surgir do seio de uma virgem descendente de Davi. Para isso, Mateus e Lucas lançam mão de todos os artificios possíveis, inclusive, forjando genealogias duvidosas e confusas, querendo com isto provar que Jesus também era um descendente de Davi. E utilizam também outros recursos ainda mais surpreendentes. Um deles é uma viagem que não houve nem poderia ter havido. Por que? Porque Belém ficava no extremo sul de Israel, distante uns 160 quilômetros de Nazaré, uma pequena cidade da Galiléia. Seria uma irresponsabilidade enorme de José ir de Nazaré a Belém, montado em um jumento (mesmo que fosse em um camelo do deserto!), levando sua esposa grávida, que estava prestes a dar à luz. O trajeto demandaria semanas, ainda mais com uma mulher grávida, reclamando todos os cuidados possíveis. E os argumentos usados pelos evangelistas são os mais díspares. Lucas menciona um censo, que, na verdade, nunca existiu e ao qual os romanos não se referem em seus registros; e tampouco um censo exigiria que as pessoas se deslocassem de sua terra de origem para outra, uma vez que a finalidade do censo era a cobrança de impostos.

“A estrela (símbolo do judaísmo) guiando os Magos, que Mateus menciona, mas Lucas ignora, é um indício da influência do mito que existia entre os judeus: o Messias seria um novo rei de Israel. Os presentes dos Magos Baltazar, Melchior e Gaspar (depois transformados em reis) estão repletos de simbolismo: o ouro representava a **realeza**, o incenso, a **divindade** e a mirra, uma **resina aromática** usada no ato do sepultamento.

“A matança das crianças, ordenada por Herodes, que se encontra em Mateus, - mas não em Lucas e em nenhum outro documento extra-evangelho – não passa de uma criação da cabeça do Evangelista, para quem Jesus tinha o mesmo papel que fora atribuído a Moisés junto aos judeus; por isso o situa fugindo para o Egito, terra de onde Moisés tirou o seu povo do cativeiro. Ora, conta o Velho Testamento que Moisés quase foi morto pelo Faraó do Egito, quando este, querendo eliminá-lo, baixou uma ordem para matar todas as crianças recém nascidas.

“Para Marcos, autor do primeiro Evangelho a messianidade de Jesus começou com o batismo nas águas do rio Jordão; para João, autor do quarto Evangelho, Jesus nasceu em Nazaré e dentro da maior normalidade. Sim, há passagens bastante significativas, em João, que não deixam a menor dúvida em relação ao local do nascimento de Jesus..

“Não podemos ignorar os elementos míticos envolvendo a história do nascimento de Jesus em Belém e ter sido concebido por uma virgem de forma miraculosa: o mito hebraico e o mito pagão. E é um

fato histórico incontestável.. “ (continua na página 4).

(“ASSIM FALOU A.KARDEC” - Continuação da primeira página)

“Jesus teve, pois, como todos nós, humanos, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é confirmado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que assinalaram sua vida.

“E é como homem que Jesus foi considerado pelos Espíritos superiores como o tipo mais perfeito que Deus ofereceu aos homens, seus semelhantes, para lhes servir de guia e modelo.

“ Sim, Jesus de Nazaré constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo ofereceu como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito divino o animava.

“Jesus não foi Deus. É necessário riscar os milagres das provas sobre as quais se pretende fundar a divindade da pessoa do Cristo. Também não provam sua “divindade” as palavras que pronunciou diante de seus discípulos e do povo de Israel. Nem as que disse depois de sua desencarnação. Por outro lado, nem os Apóstolos, que o assistiram em sua missão e participaram de sua intimidade como pregador, consideravam Jesus como um Deus.”

(Extraído da “Gênese”, do “Livro dos Espíritos” e “Obras Póstumas”, de Allan Kardec).

NOSSO COMENTÁRIO

Já que estamos no mês de dezembro, em que comemoramos o Natal de Jesus de Nazaré, - homem de carne e osso, um Messias ou Enviado de Deus, um grande reformador social -, como está nas obras da Codificação Espírita, vejamos também o que consta em “Os Quatro Evangelhos” de J. B. Roustaing sobre a personalidade do Cristo.

Para Roustaing, Maria legalmente casada com José, sempre foi virgem, nunca foi engravidada, nunca entrou em trabalho de parto, mas ela “tinha que crer num parto real”, por isso foi hipnotizada ou magnetizada pelos Espíritos prepostos (que eram magnetizadores) e a puseram “no estado de um sonâmbulo que vê e acredita, sente e experimenta o que se quer que ele veja e acredite, sinte e experimente...” Portanto, a gravidez de Maria foi “simplesmente aparente e fluídica”. E “a fim de darem a Maria, sempre sob a influência magneto-espírita, a ilusão do parto e da maternidade, os Espíritos prepostos, pela ação fluídica, a fizeram experimentar efeitos semelhantes às contrações naturais em um parto qualquer...” (Os Quatro Evangelhos, de J.B. Roustaing, vol. I pág. 199 da 6ª edição, FEB).

Quando Jesus nasceu, “Maria era quase uma criança e pouco experiente das coisas humanas”, mas era muito religiosa, pois “vivia em adoração e contemplação”. “Iludida, pensando que se tratava de uma criança de carne e osso, tomou o menino nos braços, como se o parto tivesse sido real, convicta de que era fruto de suas entranhas, por obra do Espírito Santo. Sim, tomou o menino nos braços e rendeu graças a Deus...”

É preciso frisar que para Roustaing, “a gravidez e o parto de Maria não tiveram, da sua marcha natural, senão a aparência...” (idem, ibidem, pág. 200) Ela nunca esteve grávida, ao ter o seu primeiro filho, (o

primogênito, Jesus (Mat. I, 25), mas, sob a ação hipnótica, foi levada a acreditar que estava grávida.

Jesus, segundo Roustaing, foi um Homem-Deus, sim, um Deus “milagrosamente encarnado na terra” (idem, ibidem pág. 242). Sim, “...os homens teriam que ver em Jesus um Deus, o próprio Deus...” (pág. 276). Um Deus, “partilhando, portanto, da divindade do Pai (Celestial, Criador do Universo) (idem, pág. 345).

Para os docetistas e para Roustaing, Jesus, Espírito perfeito, puro, imaculado, apareceu na Terra com um corpo fluídico, visível e tangível, sob a aparência da corporeidade humana. Por isso, não tem valor nenhum a árvore genealógica que aparece nos evangelhos de Mateus (cap. I) e de Lucas (cap. IV, 23), declarando que Jesus descendia de Davi e apareceu na décima quarta geração. (Mat. I, 17). Para Roustaing, essa genealogia humana foi atribuída a Jesus “por exigências da época” e é completamente “destituída de interesse” (obra citada, vol. I, pág. 283 e 285).

Adotando o que diz a Igreja Católica, Roustaing disse que: “Jesus teve um corpo semelhante ao nosso, mas não da mesma natureza, ou seja, de carne e osso, porque seu nascimento foi obra do Espírito Santo, fruto de uma gravidez aparente e, logicamente, por um parto também aparente...” (idem, pág. 204, 206 e 207)..

Para Roustaing, Jesus, por ter sido “um Deus milagrosamente encarnado, fruto da união de Maria, pura e imaculada com o Espírito Santo, tudo, em sua vida humana, foi apenas aparente”, e, - pasmem os leitores ! – até no ato da amamentação, que é sagrado para toda mulher que se preze -, tudo não passou de aparência, ou, melhor dizendo, de farsa, de mentira, de hipocrisia. Sim, porque, como está em “Os Quatro Evangelhos”, vol. I, pág. 243: “Quando Maria dava o seio ao recém nascido, o leite era desviado pelos Espíritos superiores que o cercavam, de um modo bem simples: em vez de ser sorvido pelo ‘menino’, que dele não precisava, por não ser como qualquer criança, era restituído à massa do sangue por uma ação fluídica, que se exercia sobre Maria, inconsciente dela...” E, para justificar esse absurdo, Roustaing diz que “não devemos nos espantar pelo fato de Maria, cuja gravidez e parto foram “aparentes”, e continuava virgem, tivesse leite para amamentar seu filhinho, porque a maternidade não é uma condição absoluta para que se produza o leite, que não passa de uma decomposição do sangue (...) Em Maria, a decomposição se operou porque o sangue, por efeito do magnetismo espiritual e de uma ação fluídica, foi latificado. Depois, por ocasião da amamentação aparente, o leite que se formara era, a seu turno, decomposto e cada uma de suas partes restituída à massa do sangue” (idem, pág. 244).

Caros leitores, se por acaso pensam que estou exagerando, que estou mentindo, abram, por favor, “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing nas páginas citadas e vejam, com os próprios olhos, o que está escrito nessa obra; sim, nesse livro apócrifo que os espíritos mistificadores, usando nomes sagrados, **ousaram dizer** que se trata de uma “revelação da revelação”. Aí está o motivo porque Ismael Gomes Braga, em seu livro “Elos Doutrinários”, disse que... (continua na pág. 4)

“ASSIM FALOU ALLAN KARDEC” - Continuação da pág. 3)
“Os Quatro Evangelhos” de J. B. Roustaing, também conhecido pelo título de ‘Revelação da Revelação’, pois que explica, em todas as minúcias, a Revelação cristã, e, em linhas gerais, a Revelação moisaica, é um curso superior de Espiritismo” (Ismael Gomes Braga, em “Elos Doutrinários”, 3ª edição da FEB, 1978 pág. 36). Vejam só que absurdo!...

Para os roustaingistas, essa obra é tão importante que chega ao cúmulo de aparecer no capítulo primeiro do Estatuto da Federação Espirita Brasileira (FEB) um parágrafo único que diz ser ela complementar às da Codificação Espirita, o que o próprio Codificador negou em seu artigo inserido na Revista Espirita de junho de 1866, quando deixou bem claro: “... as explicações dadas por Roustaing não passam de opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, portanto, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da doutrina espírita” (Col. EDICEL pág. 189).

E o pior é que se cogitou um dia extrair esse “parágrafo único” do Estatuto da FEB, mas os participantes de uma assembléia convocada especialmente com essa finalidade, não conseguiram alcançar esse objetivo, porque um roustaingista fanático entrou no recinto com um oficial de justiça, (que justiça!!!) que entregou um documento do Meritíssimo Juiz de Direito do Superior Tribunal, impedindo que isso fosse aprovado por se tratar de uma “cláusula pétrea”. Vejam só que absurdo !...

E tudo continua como estava antes, com uma Federação Espirita Brasileira, servindo a Kardec, mas também servindo a Roustaing. Por isso mesmo, a “AVE MARIA, MÃE DE DEUS!” continua sendo cantada pelos corais espíritas de jovens, na abertura dos Congressos Espíritas promovidos pelas Federativas fiéis a Kardec, mas que, por serem filiadas ao Conselho Federativo Nacional, que tem na presidência o Presidente da FEB, por ser um dos seus Departamentos, servem também a Roustaing. É que, por força do célebre “Pacto Áureo” de outubro de 1949, vivem amordaçadas pelo “mito da unificação”, condenadas, por isso mesmo, a um eterno silêncio.

xxxxx

“UM DIA E UM LUGAR PARA JESUS” - continuação da pág. 3)

“... e é um fato histórico incontestável, não podemos negar, os Evangelhos sofreram influência tanto hebraica como pagã, na sua compilação, pois foram elaborados por essas duas correntes. Esta é a razão pela qual encontramos tanto o mito hebraico como o mito pagão presentes em muitas passagens dos Evangelhos. O mito pagão é aquele que mostra Jesus nascendo de uma virgem e que, derogando a lei da natureza, que reclama o concurso do sexo, nos passa a idéia de uma concepção excepcional. A tradição pagã está repleta dessas personagens e de seus nascimentos extraordinários ou miraculosos: Osiris, Mitra, Zoroastro, Buda, Mahávira e tantos outros.

“Os descendentes da família de Jesus devem ter sofrido muito moralmente, pois a lenda do seu nascimento virginal, defendida pelos cristãos, deu

margem a que a calúnia fosse levantada pelos seus adversários. Estes inventaram a história caluniosa de que Jesus fora um filho bastardo de José, porque, em verdade, o pai de Jesus fora um soldado romano de nome Panthera, que, tendo um caso com Maria, a engravidou (Orígenes: “Contra Celso I”).

“O segundo mito é hebraico, que dizia que o Messias deveria nascer em Belém e pertencer à linhagem de Davi.

“O fato de o Messias vir da Galiléia seria um absurdo. A Galiléia era, pejorativamente, conhecida como a “Galiléia dos gentios”, pois era habitada pelos *Goyn*, isto é, *estrangeiros impuros*. A Galiléia, conhecida por sua forte miscigenação, não era bem vista pelos judeus puritanos, que tinham muito orgulho de sua raça. Diante disso, como aceitar que o Messias, o enviado de Yavé, o Deus dos Judeus, poderia ter nascido em um local tão mal afamado e visto com demérito pelos judeus? Na verdade, muitos anos antes da era cristã (uns 900 anos antes), a Galiléia já era mal vista; era conhecida como “*terra de Cabul*”, isto é, “inútil”, “desprezível”, “sem valor”.

“Jesus, escolhendo nascer em Nazaré, dá um belo exemplo de humildade e frustra todos os judeus orgulhosos, que esperavam que o Messias surgisse de Belém, terra de Davi, de forma retumbante e causando alvoroço, empunhando espada e libertando o povo judeu do jugo do Império Romano. Mas, a revolução a que Jesus estava determinado a promover, era a revolução das atitudes; da caridade irrestrita, do desapego aos bens transitórios, da aniquilação do egoísmo, do orgulho e na exemplificação da boa conduta e no amor ao próximo, e que Deus, pai de infinito amor e misericórdia, sem se importar com nacionalidade ou condição social, ama a todos indistintamente.

“Em suma, hoje é consenso entre os historiadores: Jesus nasceu em Nazaré e não em Belém. Foi o que escreveu Ernesto Renan, em sua “Vida de Jesus” (1863), elogiada pelo Espírito de Erasto, Discípulo de S. Paulo e Guia Espiritual de Allan Kardec, que disse, em comunicação ditada em 14 de outubro de 1863: “Grande será a repercussão no clero, porque esse livro derroca os próprios fundamentos do edifício em que ele se abriga há dezoito séculos...” (Obras Póstumas).

“Herculano Pires, profundo conhecedor da mitologia e de sua influência em nosso meio, declarou: “Há um abismo entre o Cristo e o Cristianismo, tão grande quanto o abismo existente entre Jesus de Nazaré, filho de José e Maria, nascido em Nazaré, na Galiléia, e Jesus Cristo, nascido da constelação da virgem em Belém, segundo o mito hebraico do Messias” (“Revisão do Cristianismo”, edição Paidéia).

Caros leitores,

Já que estamos no mês de dezembro, em que o mundo cristão comemora o nascimento de Jesus, o Homem, de carne e osso, como nós, nascido em Nazaré e não em Belém, filho carnal primogênito de Maria e José, e não de uma concepção milagrosa do Espírito Santo, desejamos a todos um:

FELIZ NATAL e

PRÓSPERO ANO DE 2006

PARECERES SOBRE NOSSO ÚLTIMO LIVRO

“Amigo Erasto,

“... estou concluindo a leitura de sua obra - **“SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE”** - e muito em breve enviar-lhe-ei meu parecer. Adianto que estou apreciando muitíssimo a sua leitura! É uma homenagem mais do que merecida, uma vez que seu querido pai foi um homem de adiantadíssima condição espiritual e um exemplo para todos nós. O seu livro é uma propaganda do Bem na Terra; é o justo reconhecimento a um homem que reunia qualidades morais invejáveis; um autêntico homem de Bem, raro de ser encontrado. A sua história é emocionante. Parabéns, amigo Erasto, seu livro é muito bem escrito e sua leitura, muito agradável”.

Assinado: **Artur Felipe de Azevedo Ferreira**,
2º Secretário da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro (ADE-RJ).

“Amigo Ismael.

“O livro sobre seu pai, - **“SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE”** - é uma jóia. Quero, primeiro, cumprimentá-lo, e, especialmente ao seu irmão Erasto, pela decisão de fazê-lo, pela dedicação à tarefa, pelo esforço que deve ter sido desenvolvido para as pesquisas, e pelo produto bem acabado, conciso, claro, objetivo e bonito. É um belo trabalho que orgulharia ao seu pai vê-lo acabado. Só não deve ter sido difícil escrevê-lo por um ponto: o enlevo que deve ter sido, para um filho, escrever sobre seu pai, pessoa honrada, cumpridora de seus deveres, reto, digno maiúsculo, plural. Agora que o conheço pela tão bem cuidada biografia, afirmo-lhe que **o General Severino de Freitas Prestes Filho tem mais um respeitoso admirador aqui no seu amigo**. São raras figuras deste coturno e você tem muito boas razões para se orgulhar do seu pai.

“Muito obrigado!

“Receba, caro Ismael, um forte abraço do seu amigo,

Júlio Alberto Nogueira Teixeira
(Engenheiro em Niterói/RJ)

“Sr. Erasto, venho à sua presença para agradecer, mais uma vez, o seu excelente livro biográfico sobre o senhor seu pai.

“Apreciei a ampla documentação da obra, verdadeiro monumento histórico. Apreciei também a correção da linguagem. Não me estendo em pormenores, porque seria um nunca acabar.

“Nas páginas anexas seguem algumas observações minhas referentes ao que, no texto, se refere ao tempo em que o sr. seu pai, quando adolescente, esteve no Ginásio N S da Conceição. Os dados que forneço talvez possam servir para aperfeiçoar uma segunda edição do seu livro biográfico, intitulado **“SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE”**; ou, pelo menos, podem permanecer no exemplar que o Sr. destinar à sua biblioteca particular e poderão servir para quem em tempo futuro, vier a escrever uma tese universitária sobre a figura do senhor seu pai.

“Quero deixar bem claro que apreciei muito seu gesto de me enviar um exemplar do seu livro. Por isso mesmo, receba o “muito obrigado especial” deste servidor

Padre Léo Seno Etgest

(Arquivista da Diocese de Porto Alegre, São Leopoldo e cidades vizinhas).

ATENÇÃO!

Nosso livro - **“SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE”** - editado pela gráfica do Centro Espírita “Léon Denis” - Rua Abílio dos Santos, nº 137 - Bento Ribeiro - Rio de Janeiro/RJ - CEP = 21.331-290, continua à venda na Livraria e na Distribuidora do referido centro. Contatos com o Sr. Severino Morais pelo telefone (21) 2.489;9847.

SÁBIO CONSELHO DO MESTRE DE LYON

“Os que desejam conhecer tudo de uma ciência devem necessariamente ler tudo o que foi escrito sobre ela, ou, pelo menos, o principal, não se limitando a um único autor. Devem mesmo ler o pró e o contra, as críticas e as apologias; devem inteirar-se dos diferentes sistemas, a fim de julgar por comparação”
Allan Kardec (“O Livro dos Médiuns, cap. III, nº 35)

“O FRANCO PALADINO”

Responsável: Prof. Erasto de Carvalho Prestes
Endereço: Rua Visc. de Moraes 159 (7º andar)
Bairro do Ingá - Cidade de Niterói/RJ
☎ (0 XX 21) 2.719-8022
e-mail: erastoprestes@urbi.com.br
Assessor p/Informática: Erasto Magno